

Estagnada, economia recua 0,1% no 3º tri

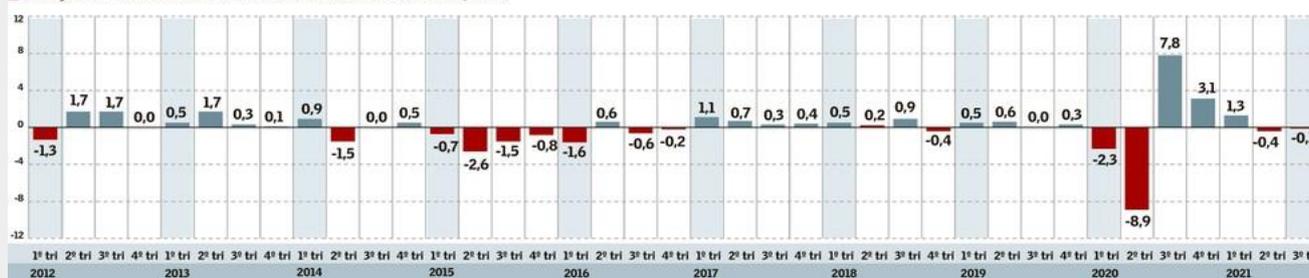
PIB tem nova queda em relação ao trimestre anterior, afetado especialmente por tombo da agropecuária

Por Ana Conceição, Alessandra Saraiva e Lucianne Carneiro — De São Paulo e Rio 03/12/2021 05h01 Atualizado há 10 horas

Recessão à vista

Economia brasileira volta a ter dois trimestres seguidos de contração

■ Variação do PIB nacional ante o trimestre imediatamente anterior, em %



Componentes do PIB

Ótica da oferta - Variação em relação ao 2º tri de 2021, em %



Ótica da demanda - Variação em relação ao 2º tri de 2021, em %



Variação em relação ao 3º tri de 2020, em %



Variação em relação ao 3º tri de 2020, em %



Fonte: IBGE

A economia brasileira entrou em recessão técnica - dois trimestres seguidos de contração -, com a queda de 0,1% do Produto Interno Bruto (PIB) no terceiro trimestre em relação ao trimestre anterior. De abril a junho, o PIB recuou 0,4%, número revisado de queda de 0,1%, segundo dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Analistas consideram que, na verdade, a economia está estagnada e sem perspectiva de melhora substancial no futuro próximo. O resultado do terceiro trimestre ficou um pouco abaixo do esperado e provocou cortes de projeções para o PIB de 2021, agora mais próximas de crescimento de 4,5% que de 5%, mal recuperando a perda de 3,9% em 2020.

No que resta do ano e também em 2022, a economia brasileira continuará a lidar com a escassez de insumos na indústria, a inflação alta, que corrói a renda das famílias, a elevação dos juros e um mercado de trabalho ainda fraco, com geração de vagas precárias e de baixos salários. Ao lado disso, a disseminação da variante ômicron traz mais incertezas sobre a

evolução da pandemia e dos negócios. Há ainda as dúvidas quanto à trajetória das contas públicas, num cenário de proximidade das eleições do ano que vem.

Pelo lado da oferta, a agropecuária foi a principal responsável pela baixa do PIB no terceiro trimestre, com recuo de 8% em relação ao trimestre anterior. A indústria ficou estável. Como esperado, os serviços avançaram 1,1% com a reabertura econômica proporcionada pelo avanço da vacinação contra a covid-19.

Sergio Vale, economista chefe da consultoria MB Associados, pondera que, mais que o resultado do campo, foi a economia em geral que não entregou o suficiente, mesmo nos serviços, que deveriam ter crescido mais. “Não dá para culpar o agro pela queda, mas sim buscar explicações de por que uma economia em saída de pandemia entregou resultados tão pífios na indústria e nos serviços”, diz.

Pelo lado da demanda, o setor externo e a redução dos estoques puxaram o PIB para baixo, enquanto o consumo das famílias, com alta de 0,9%, e o do governo, com expansão de 0,8%, deram impulso à atividade. A variação dos estoques tirou 0,51 ponto percentual do resultado do período, de acordo com Alberto Ramos, chefe de pesquisa para América Latina do Goldman Sachs. O setor externo deu uma contribuição negativa e subtraiu 0,29 ponto do crescimento trimestral, uma vez que as exportações caíram mais que as importações.

O PIB do terceiro trimestre aponta que a atividade econômica está perdendo força mais rapidamente que o esperado no país, afirma Natalie Victal, economista da Garde Asset Management. “É a mensagem principal. No total, o segundo semestre vai ser pior do que se esperava meses atrás.” Não deixa de ser um revés significativo depois de um crescimento bem acima do esperado entre janeiro e março, de 1,3% sobre o último período do ano passado. E os sinais negativos para o quarto trimestre colocam um risco baixista para a projeção de crescimento de 4,7% em 2021, diz Victal. Já o Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV Ibre) revisou a projeção de crescimento do PIB em 2021 de 4,8% para 4,6% e a Capital Economics reviu a estimativa de 4,8% para 4,5%.

Novas revisões para o próximo ano - que ganham força desde o segundo trimestre - ainda não são generalizadas, mas existem. A ASA Investments reduziu a expectativa do PIB de 2022 de zero para queda de 0,5%, dizendo que a incerteza fiscal já tinha contratado uma atividade fraca para o próximo ano, algo que a recessão técnica só aprofundou. A casa também revisou o PIB do quarto trimestre deste ano de alta de 0,3% para queda de 0,1%. Com a inflação em dois dígitos, o cenário é de estagflação, segundo a equipe de economistas liderada pelo ex-secretário do Tesouro Carlos Kawall,

A corretora Renascença revisou o crescimento de 2021 de 4,8% para 4,7% e 2022 de alta de 0,3% para zero. O Santander, por sua vez, reduziu as projeções para o PIB no horizonte de 2021 a 2023. Enquanto o dado abaixo do esperado no terceiro trimestre motivou a redução da estimativa de 2021 de 4,9% para 4,7%, o aumento dos juros e a piora das condições financeiras levaram a uma redução das estimativas de 2022, de 1% para 0,7%, e de 2023, de zero para -0,2%. “Para 2022, os fatores atenuantes serão a recuperação gerada pela reabertura do setor de serviços, a recuperação do mercado de trabalho e o fortalecimento de setores menos cíclicos ligados às commodities”, disse a economista-chefe Ana Paula Vescovi, em nota.

Para Rodolfo Margato, da XP, uma contribuição menor da reabertura da economia e a piora das condições financeiras devem pesar contra os serviços em 2022. Para o quarto trimestre, ele espera crescimento de 0,5% do PIB do setor, o que indica desaceleração ante a alta de 1,1% no terceiro trimestre.

Segundo o IBGE, o segmento “outros serviços”, que reúne atividades voltadas às famílias, ainda está 3,8% abaixo do quarto trimestre de 2019, antes da pandemia. Haveria, portanto, algum espaço para crescer.
